



FEVEREIRO

2022



Nova Atena
Saber e Bem-Estar



Vamos Trazer a
Palavra Escrita
aos Nossos Dias!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

FEVEREIRO

2022



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

ÍNDICE

AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
CARLOS BAPTISTA	Santo Amaro	2
FAUSTINO VITAL	A palavra que desapareceu dos dicionários	3
FERNANDO BAPTISTA	Carnaval digital não faz mal	4
FERNANDO BAPTISTA	É transitivo o verbo amar	5
FLORINDA GRAVE	Bugio	6
FRANCISCO LOURENÇO	Instabilidade	7
GUIDA CORREIA SANTOS	Por favor, esqueçam-me!	8
GUIDA CORREIA SANTOS	Aquele meu vento	9
JERÓNIMO PAMPLONA	Aproveita o dia	10
JERÓNIMO PAMPLONA	Todos os dias nascem novos dias	11
LUISA MACHADO RODRIGUES	Kiev	12
MARIA DE LOURDES SANTOS	O Boy foi à aula de Inglês	13
MARIA SILVEIRA	Para quando?	14
MARINA BRANDÃO LUCAS	Não. Publicidade não!	15
PILAR DA ENCARNAÇÃO	Ti Conceição	16
TERESA CASTRO NUNES	E Zé Inácio ficou!	17



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Carlos Baptista

género

POESIA PROSA

título

Santo Amaro



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

SANTO AMARO

Era um ano aziago para a Ti Marquinha do Outeiro. O António, o filho mais velho, a combater em Angola numa guerra que não era dele, deixava-lhe o coração em permanente angústia. Ainda teve esperança que a guerra acabasse quando Salazar caiu da cadeira abaixo e foi substituído por Marcelo Caetano. Mas não, ficou tudo na mesma. O marido, há cerca de um mês, em meados de Fevereiro, quando regressava do trabalho agrícola, caiu numa canada e partiu a perna direita. Com a chuva e a humidade as pedras do chão da canada ficavam perigosamente escorregadias. O filho mais novo ainda andava na escola e o do meio era aprendiz de carpinteiro e ainda não ganhava. João, o marido, era o único sustento da família, agora com a perna engessada não podia trabalhar e, portanto, não ganhava. O dinheiro, que sempre fora escasso, começou a faltar e a Ti Marquinhas decidiu começar a coser pão para vender. Anunciou às vizinhas a sua intenção de começar a fornecer pão fresco todos os dias pela manhã, e teve muitas encomendas. Algumas compravam por solidariedade, para ajudar a minimizar a miséria daquela família, outras por preguiça e, a grande maioria, simplesmente porque o pão era realmente bom. A Ti Marquinhas fartava-se de trabalhar, era a lida da casa, era tratar do marido e dos filhos, era inventar comida para todos com tão poucos recursos e, já de noite, depois da ceia, amassava num enorme alguidar de barro a massa para fazer o pão, que ficava a levedar durante a noite. Acordava às três da madrugada tendia os pães e dispunha-os sobre a mesa, forrada com a toalha de linho enfarinhada, em filas muito alinhados, como soldados numa parada militar e para ali ficavam a levedar mais um pouco, enquanto ela tratava de acender e aquecer o forno a lenha. Por volta das cinco e meia acordava os filhos e dava-lhes o pequeno almoço, o pão da rapadura feito com os restos da massa rapada do alguidar, acompanhado de chá de limão ou de leite quando o conseguiam comprar. Antes de irem para a escola ou para a oficina, os miúdos carregavam os sacos de pano com pão e iam a pé entregar às vizinhas que o tinham encomendado. A Ti Marquinhas todos os dias rezava a Santo Amaro. Pedia-lhe proteção para o António, a cura do marido e também a cura da dor de cabeça frequente que até lhe toldava a visão. A partir do Verão a vida melhorou, o João, já curado, recomeçou a trabalhar e em novembro regressou o António são e salvo. Que enorme peso desapareceu do coração daquela mulher. No dia quinze de janeiro, dia de Santo Amaro, entregou na ermida que tem aquele santo por padroeiro três enormes bolos de massa sovada. Um em forma de perna, outro em forma de cabeça e o terceiro em forma de boneco, olhos de pevides de alfarroba e na cabeça uma folha de couve a imitar o quico militar.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Faustino Vital

género

POESIA PROSA

título

A palavra que desapareceu dos dicionários



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

A PALAVRA QUE DESAPARECEU DOS DICIONÁRIOS

E, de repente, sem aviso prévio, verbal ou por escrito, ela deixou de constar dos dicionários digitais, continuando ainda, como coisa do passado, nos que já estavam feitos em tipografia. Alarmou-se o Ministério da Educação, a Academia das Ciências de Lisboa, a Biblioteca da Faculdade de Letras, a Torre do Tombo, a Academia Portuguesa da História, a Sociedade Portuguesa de Escritores, os que zelam pelo acordo ortográfico e vocabulário da Língua Portuguesa, os professores, os jornalistas, os escritores e os comentaristas, os premiados com o Nobel da literatura, a Academia das Letras bem como o comum dos indivíduos e, não acontecendo só por cá se foi estendendo por outros países e ainda mais longe abrangendo os continentes ficando assim do conhecimento de toda a humanidade, a falha, a omissão que se tornou em ausência sentida, pois que se olhava, procurava e não se via e não se conseguindo ver ela deixara de existir. Intentaram uns que se devia repor, outros disseram ser impossível por estar intrinsecamente ligada a factos e enquanto estes não se alterassem de nada valia o seu retorno.

Criou-se um impasse que em medição de tempo já dura há dois anos e, se a mentalidade das pessoas não mudar a palavra não voltará ao nosso convívio para a podermos usar uma e mais vezes sem constrangimento, pois é bem verdade que só sabemos o que nos falta quando precisamos e não encontramos. É assim com a vida, é assim com a família, é assim com as amizades duradouras e com a paz a que nos habituámos. Alguns dizem que virá em breve, outros que ainda vai demorar, cada cabeça sua sentença, até quando podemos esperar se dela tanta necessidade temos, são algumas letras, não muitas, mas em palavras traduzem um estado de espírito enorme, um bem-estar diário, coisa a que dantes nem sempre concedíamos suma importância, quase passando despercebida na correria da vida moderna.

Esperemos, esperemos com esperança, que os tempos nos tragam os dias em que a podíamos usar com segurança, essa palavra mágica “tranquilidade”.





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Fernando Baptista

género

POESIA PROSA

título

Carnaval digital não faz mal



CARNAVAL DIGITAL NÃO FAZ MAL

(Homenagem póstuma ao amigo Chona. Escrito seu no carnaval de 2021)

Este ano convidaram-me para um Carnaval On Line Streaming Zoom da APA. Era a Gala Carnavalesca e fui mascarado de Rio Tejo. Uma boa ideia. Ninguém estava disfarçado de ambiente, e por isso dei muito nas vistas. Era um ambiente digital com pessoas digitais, mas tão bem feito que parecia real. Todos digitalizados e mascarados com FFP2. Arranjei uns quilos de lixo, uns litros de óleo, alguns fertilizantes, pó de Almaraz, espinha de peixe, pasta de papel, fezes de porco preto, e deitei tudo na cabeça para ficar escorrendo por mim abaixo. Ninguém me conheceu. Cheirava tão mal e tinha tão mau aspecto que até o representante da Quercus se afastou com vómitos. Jurou que nunca mais comeria fatura na telha, aquela iguaria das Caneiras à beira tejo em Santarém. Num concurso de máscaras levei uma caveira para meter medo. Era assim um Rio Tejo de morte. Assustei toda a gente. Até o Ministro do Ambiente fugiu com medo. Sim, ele também lá estava. Estava disfarçado de ministro! Até parecia um ministro a sério... Digam lá se não foi uma ideia original. Eu achei o máximo! Ah e levei também o corpo ornamentado com jacintos para dar um ar de natureza verde aquática, sem oxigénio e sem peixes. Ganhei o prémio “Melhor Mascarado”. Estou tão feliz que agora vou correr pelos campos da lezíria e mijar nas culturas. Adoro fazer isso ao ar livre. Arroz, vinhas e melões são as minhas preferidas para a rega mictória. Na Gala Carnavalesca da Agência Portuguesa do Ambiente, desfilei pela passadeira vermelha, e acredito que venha a ser nomeado para o troféu “próTEJO”. Parece que já me estou a ver na televisão com um “ar lindo e consolado”! Talvez um dia “me lixe” com tantas ideias.



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Fernando Baptista

género

POESIA PROSA

título

É transitivo o verbo amar



É TRANSITIVO O VERBO AMAR

A vida não pode ser praticada como se fora uma abreviatura. Daí o facto de a extensão do seu calor humano nunca ter a lotação esgotada. Uma rua que leva o nome de alguém não contempla a memória dessa pessoa do seu espírito e irreduzíveis amizades.

Era uma caneta antiga, e tão minha que já conhecia todos os meus tiques, os meus ziguezagues, as minhas tinetas. Muita vez a dirigi para frases polidas, boleadas, mansas; mas também para ensaios coléricos, destemperados, palavras desarvoradas, coisas assomadiças – como eu.

Na abreviatura da vida a minha caneta acompanhou-me quando com ela escrevi muita asneira, alguns disparates, também textos sentidos e algumas quadras que (para mim) faziam sentido. Nunca com ela escrevi textos moralmente condenáveis ou reprováveis. Nem com ela nem com qualquer outra.

O nome das ruas e bairros de uma cidade ou lugar é uma forma de identificação que é usada pelos poderes públicos, por empresas, e pessoas em geral. A mais das vezes possuem o nome de pessoas que foram importantes para aquela cidade ou lugar e a quem desejam prestar homenagem póstuma.

Perdi a minha caneta. Sim essa que vos disse ter caminhado comigo anos e anos. Ando a pensar passar pela Câmara para que incluam nos nomes a atribuir a uma das novas ruas, o da minha caneta. Em nada alteraria o critério de atribuição dos nomes de ruas, e prestaria homenagem a quem para mim foi tão importante.

Ao balcão deste uísque olho o senhor que me diz que a D. Ondina morreu. Morreu inutilmente tentando virar a esquina da vida a murmurar frases púdicas, nos braços de palavras sem sentido, mantendo a beleza porque nunca usada. Fez três meses em setembro; fez três meses, mas sabendo que o verbo amar é transitivo.

É transitivo o verbo amar. É transitivo!





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Florinda Grave

género

POESIA PROSA

título

Bugio, meu amor



Nova Atena

Saber e Bem-Esser

BUGIO, MEU AMOR

Se o Tejo fosse infindo, era os teus olhos
Se o mar um mar de calma, era o teu rosto
O Bugio, sentinela robusta e vigilante,
O teu inabalável instinto protetor.

Desta deslumbrante janela que me deste
Sobre o Tejo e sobre a vida
O verde acutilante do Bugio
É um ponto fiável que ilumina as trevas nas noites sem lua.

Dou comigo a pensar que tal como os barcos confiam na luz do Bugio
Para transporem sem riscos a barra do Tejo
Confio eu em ti para iluminar
O caminho por onde ambos, em amor,
Navegaremos juntos até ao fim dos tempos.

Vejo-te, claramente, em cada detalhe desta paisagem.





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Francisco Lourenço

género

POESIA PROSA

título

Instabilidade



Nova Atena

Saber e Bem-Estar

INSTABILIDADE

Veio o pandémico Korona
A provocar forte instabilidade
Muitos de nós no outono da vida
Ainda acreditamos na felicidade!
A ciência aplicou-se em esforços
Para combater tal pandemia
E quando tudo parece resolvido
Novos vírus criam mais alergia!
A acrescentar a tudo isto
Ressurgem os senhores da guerra
Querem aumentar o seu Império
Invadem países por mais terra!
São ditadores que não aceitam
A Liberdade a Paz e a Democracia
Querem pensamento de sentido único
Evitam os caminhos da Diplomacia!
O mundo de novo em ebulição
Vive em angustiante instabilidade
Muitos de nós no outono da vida
Ainda acreditamos na felicidade!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Guída Correia Santos

género

POESIA PROSA

título

Por favor, esqueçam-me!



Nova Atena

Saber e Bem-Escrever



POR FAVOR, ESQUEÇAM-ME!

Não me culpem! Não me julguem a eterna culpada! Sou como outra qualquer, como tantas que já houve e continuará a haver!

Não se lamentem mais e saiam da vossa zona de conforto, do vosso sofá, da vossa casa e vão respirar o ar fresco da rua e sentir o vento no rosto! Vão olhar os outros com a curiosidade humana de tentar saber quem são, o que pensam e olhá-los nos olhos. Ao menos nos olhos. Já não fujam mais deles como se tudo à nossa volta fosse um perigo iminente, como se cada uma dessas pessoas carregasse o peso da nossa possível desgraça. Não culpem os outros e não me culpem a mim!

Há tanto para ver fora de casa, há tanta coisa para fazer fora de casa, há tantas experiências para viver fora de casa! O sol brilha, as flores desabrocham, os caminhos esperam-nos, o mar continua a chamar por nós, a brisa continua a afagar-nos o rosto. Só é preciso que cada um tenha a coragem de decidir e ir! Ir ao encontro da natureza, das pessoas e da vida! Não me culpem mais.

Somos feitos de hábitos bons e maus. E não deixem que os maus tomem conta da vossa vida, que a destruam e deixem de me culpar! Já é tempo. Agora o vosso tempo está aí. Tempo de viver e esquecer-me. Esquecer a Covid 19.



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Guída Correia Santos

género

POESIA PROSA

título

Aquele meu vento



Nova Atena

Saber e Bem-Estar



AQUELE MEU VENTO

Hoje senti o vento da minha adolescência. Aquele vento que aflagava a minha testa e o meu rosto quer fosse frio ou morno.

Aquele vento que entrava pelos ouvidos num sussurro seco e doce. Que se misturava com o marulhar das ondas a espriarem-se na areia.

E que nos revolia o cabelo à solta.

Hoje senti aquele vento que soprava nas praias do Molhe Leste, da Consolação, ou do Baleal. E ouvi o bater surdo dele na lona às riscas das barracas da praia.

Ah, como adoro aquele eco sussurrante qual música aos meus ouvidos.

Não. Não estou lá. Mas é o mesmo vento morno que sopra na praia da Parede, com muitas rochas da mesma cor e de tantas formas, banhadas pelo mesmo mar eterno.

É o mesmo vento que nos despenteia e nos enche a alma de frescura e que nos revigora.

Hoje senti o vento da minha juventude. E fechei os olhos e o sol morno acariciou as pálpebras cerradas como dantes.

Hoje senti o vento, o mar e o sol morno de antigamente.

Senti como dantes.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

Aproveita o dia

APROVEITA O DIA

I

Terminado o tempo de tropa e a guerra colonial
as duas personagens entraram para um Banco.
Os dois fizeram a mesma carreira de sucesso.
Ambos chegaram à reforma como Gerentes de filial.

II

O Zé entrava e saía às horas certas.
Lia poesia de poetas portugueses e não só!
O João era sempre o primeiro a entrar
e o último a sair. Era um workaholic!

III

O Zé ouvia o esvoaçar dos pássaros jovens.
O silêncio das nuvens e do azul que exibem
O João chegava tarde a casa, jantava, via
o resultado das Bolsas e adormecia no sofá.

IV

O Zé interagia com os amigos dos tempos de infância.
Lia, ouvia música, e assistia a espetáculos de teatro.
O João ficava em casa, ligado à Internet,
a telefonar aos colegas e, às vezes, até aos clientes.

V

O Zé reformou-se, continuando a vida de lazer que já fazia,
dedicando-lhe agora, ainda, mais tempo!
O João continuou a vestir o fato para ir almoçar com colegas.
Andava à procura de viver uma vida agradável. Sem sucesso!

Pensamento:

Nos finais do Século XX os Departamentos de Pessoal passaram a chamar-se
de Recursos Humanos e os trabalhadores viraram descartáveis!



Nova Atena
Saber e Bem-Estar





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

Todos os dias nascem
novos dias



Nova Atena
Saber e Bem-Estar



“TODOS OS DIAS NASCEM NOVOS DIAS

Epigrafe: Os dias sucedem-se, ininterruptamente, uns aos outros, há bilhões de anos.

Nós podemos analisar e catalogar a duração dos dias em função de diversos parâmetros, a saber: a localização geográfica (dá-nos diferentes durações solares conforme estamos no hemisfério Norte ou Sul, e quais as estações do ano – Primavera, Verão, Outono, Inverno). Por exemplo: durante o Verão, os dias são mais longos do que as noites, acontecendo o contrário no Inverno. Na Primavera e no Outono os dias e as noites têm igual duração. Resulta daqui que a luz solar não se distribui por igual em todo o Planeta terra. No território que habitamos temos a informação que nos é dada pela alternância da luz solar com a escuridão. Porém, temos também a percepção psicológica que nos posiciona perante nós próprios, os nossos concidadãos e a própria vida.

A passagem dos dias conforme as idades:

Na Infância tudo é fascinante.

Na Adolescência os dias são morosos.

Na Juventude os dias são intensos.

Na vida Adulta os dias não bastam.

Na vida Sénior a passagem é veloz.

Na velhice a velocidade é alucinante.

Hoje, os media e a internet permitem-nos estar permanentemente informados. Este excesso de informação e o enviesamento provocado pelos media que nos dão mais notícias de conflitos e desastres, potenciam o nosso sentimento de insegurança. Isto, pode explicar o paradoxo de que sofrem as pessoas que habitando nos países mais desenvolvidos têm todas as condições para serem felizes e não são; recorrendo com frequência a psicólogos, psiquiatras e produtos psicotrópicos.

A pandemia, o liberalismo galopante e o capitalismo selvagem, criam insegurança e mostram-nos que não podemos controlar tudo e, muito menos, comprar a felicidade.



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Luísa Machado Rodrigues

género

POESIA PROSA

título

Kiev



Nova Atena

Saber e Bem-Esser



KIEV

Naquela tarde, autêntica noite de breu, a estrangeira acabara de chegar a Kiev e, numa carripana envelhecida conduzida por um dos seus pares profissionais, seguia do aeroporto para a cidade por antiquada estrada sem qualquer iluminação. Cumpria compromissos profissionais fora do seu país, entre reuniões e palestras consecutivas, num périplo entre França de onde vinha e Escócia para onde iria após a participação numa Conferência intercalar ucraniana que ali a ia reter alguns dias. Estava-se no início dos anos 90. Era dezembro, a temperatura rondava entre os -20 e -25 graus centígrados. Experiência única. Dias inesquecíveis.

Naquele percurso de mais de 1 hora, a espaços, à beira da estrada, apercebeu-se de compactos vultos ainda mais negros do que o negrume dos céus até que, sem nada questionar, com auxílio da parca luz dos faróis, descobriu que se tratava de amontoados de dezenas de prováveis trabalhadores (fabris/rurais?) a aguardar transporte coletivo. Nada a referir, não fora o aperto de coração sentido perante a imagem de tantos seres humanos àquele frio e mergulhados em tal escuridão. Nem uma fugaz lâmpada ou fogueira!

Era o segundo aperto que sentia desde a chegada. O outro fora no aeroporto e ainda mal se refizera. Um susto burocrático, o passaporte com falta de visto, o qual por razões a que era alheia, seguira à parte por Fax. Tal presidiária, retida num espaço tipo cabine telefónica, longa fora a espera para que tudo se resolvesse...

Enfim, era ainda muito recente a Queda do Muro de Berlim (09.11.1989) de que decorreu o país deixar de estar sob a tutela da Rússia. Uma marca bem presente. Contudo, constataria depois que havia uma grande ânsia de abertura ao ocidente traduzida em ações técnico-científicas e convites a especialistas europeus para partilha de conhecimento como era o caso da Conferência em causa. Aliás, bastante rica apesar de diferenças de estilo e dimensão: auditório 'gigantesco', três mil participantes, comunicações tipo ditado sem debate. Porém, com workshops em paralelo e dinâmica mais perto da ocidental, envolvendo vários países de Leste.

Especiais, foram as gentis e talvez sacrificadas ofertas pessoais da colega local em tempo de recursos limitados. Uma, foi assistir à ópera "Eugene Onegin". A outra, foi ir ao Museu de Microminiaturas de Mykola Syadistry, artista plástico com obras microscópicas da ordem da secção de fios de cabelo. Um espanto!

A estadia fora no Hotel Kozatskiy, Praça da Independência, no coração da cidade, a dois passos do Mosteiro de São Miguel das Cúpulas Douradas, cujas respetivas imagens presentemente e pelas piores razões, passam a cada momento na televisão, acordando estas longínquas memórias: era um país criança ávido por crescer. Estava a dar frutos. Merecia continuar. Porém, volvidos 30 anos, o retorno e a guerra aí estão!!! Dói...

24-02-2022



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria de Lourdes Santos

gênero

POESIA PROSA

título

O boy foi à aula de inglês



Nova Atena

Saber e Bem-Estar

O BOY FOI À AULA DE INGLÊS

Era uma vez um cãozinho lindo, fofinho, qual bolinha de algodão que apetecia afagar e mimar! Numa manhã de frio intenso, chegou a casa de uma família que o aguardava e recebeu com muito carinho. Já uma linda caixinha com palhinhas o aguardava, bem como um pequeno agasalho para o proteger e ajudar a substituir o calor da mãe de que fora separado. Também uma casota esperava pelo novo inquilino, no espaçoso quintal da casa. A menina daquela família adorava a chegada dos cãesinhos bebés. O Boy ainda muito jovem, começou a evidenciar a sua ânsia de liberdade, aproveitando as oportunidades que a entrada ou saída de alguém de casa lhe proporcionava. Corria velozmente na direção da porta e fugia. Certa manhã, pressentindo que a menina se preparava para sair, de forma rápida e eficaz ultrapassou-a e correu para a rua, felicíssimo e aos saltos, comemorando a vitória da libertação matinal alcançada. Quem não ficou feliz foi a menina que tentava reconduzi-lo a casa, mas sem sucesso! Porém, a hora da primeira aula aproximava-se e decidiu ir para o colégio. Pensava que ia sozinha mas, para seu espanto, a curta distância ia o Boy em absoluto silêncio! O que fazer? Ligeiramente atrasada e sendo a pontualidade norma, a menina, em passo acelerado, dirigiu-se à sua sala de aula que felizmente ainda mantinha a porta aberta e apressou-se a entrar. O Boy em passo de mágica, conseguiu entrar em simultâneo. Acompanhou-a discretamente até ao seu lugar, colocou-se a seu lado, sentado nas patinhas traseiras, com ar feliz e vitorioso, observando atentamente o novo mundo e assim permaneceu na aula de Inglês. A menina continuava preocupada, pois eram tempos de enorme exigência e respeito. Apesar de muito amado em casa, ninguém lhe explicara nada sobre a origem do seu nome, “Boy”, nem lhe facultara a consulta do dicionário de inglês-português! Era esta a sua grande oportunidade! Estava no sítio certo! Terminada a aula, a menina informou a professora, que agradeceu a honestidade, enalteceu a ligação entre a menina e o seu cão, que em nada a comprometeu! Resolvido este problema outros se seguiam, pois as aulas continuavam a decorrer e era impensável faltar, ou permitir que o Boy entrasse de novo noutra sala de aula. Pediu então ajuda às funcionárias que simpaticamente se prontificaram a vigiar o Boy e permitiram que ficasse no recreio onde poderia correr e brincar. Nos intervalos corria feliz para junto da menina e recebia mimos de todas as colegas. Terminado o período da manhã, os dois regressaram a casa onde eram aguardados com alguma preocupação. A aventura tornou-se divertido tema de conversa na família. O Boy cresceu imenso e a ânsia de liberdade também! Será que chegou a perceber o significado do seu nome?



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

María Silveira

género

POESIA PROSA

título

Para quando?



PARA QUANDO?

Que mais tem que acontecer

Para que o Homem

Com o Homem saiba conviver?

Até quando a contínua discussão, a competição

Étnica, cultural, territorial

Versus domínio, soberania, poder?

Para quando o respeito pelos povos nação

Na diferença, na identidade, na procura

De autonomia, de liberdade?

Para quando, para quando?!





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Marina Brandão Lucas

gênero

POESIA PROSA

título

Não. Publicidade não!



Nova Atena

Saber e Bem-Estar



NÃO. PUBLICIDADE NÃO!

COMPRO TODO O TIPO DE CARROS ... A porta do prédio fechada, o aviso “proibido” na caixa do correio, onde deixo então o papel do Astrólogo que trata de amores perdidos, maus olhados, pai-de-santo que numa oração traz o dinheiro preciso; o aviso do restaurante e que bom que parece com tanta refeição caseira; o cartão do homem faz-tudo, desde o cano entupido à máquina que não trabalha, a janela consertada, a marquise a ser fechada ...

COM OU SEM INSPECÇÃO ... Pois não há-de haver não, nenhuma complicação, que o papel tudo explica com números de telemóvel e em hora de alguma aflição, ai a torneira a pingar, a chave na fechadura lá dentro e nós cá fora, a pintura do banheiro que há anos não é feita, até a limpeza gourmet com cheiro a tangerina, que os vidros são difíceis de limpar e a vizinha vai invejar...

COM AVARIAS ... Os estores encalhados, serviços 24 horas, piquetes, urgências que podem durar, serviço de 2ª a domingo, ou de domingo a domingo na melhor cotação do mercado, excelente e sorridente o homem salvador, desloco-me ao local, a senhora não mexa não, que ainda apanha um choque que com a electricidade não se brinca ... O fogão que não trabalha e é uma alta pressão escolher chinês, indiano, a pizza e a salada, simples ou familiar, vou guardar o cartão um dia faz falta ou não...

MESMO PARA ABATE ... Mas para o carro há solução, o papel no para-brisas, mesmo no carro bem novo, e se o dono se zangar sei que o atiram para o chão, não se importam pois claro, nem mesmo eu que sou mensageiro e o mensageiro não se abate, rapaz sem culpa formada, sem termo de responsabilidade, apenas um desempregado, pago ao dia, porque na hora será o carro trocado, com reboque incluído, para longe o levarão ...

CANCELAMENTO DE MATRÍCULAS ... e em letra mais pequena, valorizando o anúncio para chegar ao coração “feliz é o homem que confia em Deus”. Pois não !



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Pilar da Encarnação

género

POESIA PROSA

título

Ti Conceição



Nova Atena

Saber e Bem-Estar

TI CONCEIÇÃO

A Ti Conceição, como era conhecida lá na aldeia, era uma mulher inteligente e lúcida. Com os seus oitenta e muitos anos, adorava contar episódios da sua já longa vida. O seu maior desgosto era o de não saber ler. Não lhe fora dada essa oportunidade por ser rapariga. Os rapazes tinham que ir à escola porque precisavam de aprender um ofício mas as raparigas não precisavam de saber ler para tomar conta da casa ou trabalhar no campo. Era essa a mentalidade que predominava nos meios rurais e que perdurou no tempo.

Ti Conceição contava a sua história com uma graça muito própria: “Com sete anos, puseram-me a servir. Quando ainda precisava que tomassem conta de mim, fui tomar conta das cabras. Levava de farnel um naco de pão e quando a fome apertava mamava na teta das cabras. O leite aconchegava-me o estômago...”

Tinha sempre algo para contar e fazia-o com grande vivacidade de pormenores. Era um gosto ouvi-la. Algumas vezes pensei levar o meu gravador e pedir-lhe uma entrevista mas nunca cheguei a fazê-lo.

Vivia sozinha, tratava da sua casa e cuidava da horta com grande prazer. Quando podava uma videira não resistia a replantar algumas podas. E tudo crescia, nada se perdia. Tinha uma vida simples, passava a maior parte do seu tempo ao ar livre ocupada nos seus afazeres ou sentada na soleira da porta à conversa com a vizinha ou com quem passasse.

No ano passado, já com noventa e seis anos, as filhas entenderam que não devia ficar mais sozinha e decidiram colocá-la num lar. Ela não queria ouvir tal coisa mas as filhas insistiram tanto que acabaram por convencê-la. Ti Conceição foi para o lar na esperança de que, se não gostasse de lá estar, poderia voltar de novo para a sua casa. Pura ilusão. Não se adaptou e ao descobrir que não lhe permitiam o regresso a casa, sentiu-se muito infeliz e desejou morrer. Como poderia ela, mulher independente e ainda ativa, adaptar-se a viver fechada e quieta entre quatro paredes? Nos telefonemas frequentes que fazia à sua amiga e vizinha confidenciava-lhe: “vou deixar de comer e ao fim de uns dias morro”. Deixou mesmo de comer e ficou doente. Como não conseguiam alimentá-la, foi-lhe colocada uma sonda e assim prolongaram-lhe a vida por mais algum tempo. Demasiado tempo. Deixou de telefonar à amiga e a sua vida perdeu-se no vazio.

Partiu há poucas semanas. A sua alma voou para o Infinito, certamente tão feliz como um pássaro ao libertar-se da sua gaiola.

PRESTO HOMENAGEM A TODAS AS TI CONCEIÇÃO DO MUNDO INTEIRO





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Teresa Castro Nunes

género

POESIA PROSA

título

E Zé Inácio ficou!



Nova Atena

Saber e Bem-Esser



E ZÉ INÁCIO FICOU!

Esta coisa de escrever tem que se lhe diga. Mas não é fácil. Um dia é a falta de tempo, outro é a falta de inspiração, outro, a falha de qualquer outra coisa. Mas é bom escrever. Gostaria, até, de ter sido escritora. Um sonho. Um desejo. Uma vontade. Uma vontade de, às vezes, contar ao mundo as pequenas histórias do meu pequeno mundo. Registá-las. Perpetuá-las em palavras físicas sobre papel branco. Encher folhas e mais folhas e esquecê-las na gaveta para mais tarde, muito mais tarde, serem reencontradas e acarinhadas.

É bom escrever. E tão bom que, de vez quando, adormeço e sonho-me escritora. De nome!

Há tempos... já lá vão quase dois anos, aconteceu! Estávamos em pleno confinamento, o primeiro. Lisboa, a Lisboa do meu bairro, acordava e adormecia silenciosa. A vida revelava-se no abrir e fechar de persianas vizinhas e, atrás dos vidros, ou nas janelas escaqueiradas, assomavam rostos sedentos de ar livre.

Também as abria todas as manhãs. Cedo, que me levanto cedo. Em frente, às vezes em simultâneo, o estore alçava-se. E a curiosidade aguçou-se! Que querem? Pouco mais havia para fazer. Era eu a janela indiscreta. Quem estaria ali atrás? Acabei por descobrir. Era um Ele, o meu vizinho da frente, cujo rosto sem cabelo e sem nome, até então, desconhecia. Dia após dia, o ritual era cumprido – abria o estore, sentava-se à mesa, diante do computador, até que a tarde caía e o estore se fechava de novo. Às vezes, levantava-se, de telemóvel na orelha, passo à frente, passo atrás, umas vezes sorrindo, outras bracejando com veemência. À hora do almoço, baixava apenas a cortina. Tudo muito rotineiro, a horas certas. Percebia-se-lhe a vida solitária no pequeno apartamento. E senti-lhe a falta. A falta desse ritmo diário e vazio quando começou essa coisa do “novo normal”. A persiana mantém-se a três quartos dia após dia.

Até que uma noite... uma noite, sonhei!

Sentada ao computador, terminava um novo romance. Vi-lhe a capa, o título, as folhas e a forma. Tudo. Tudo. E quando acordei, senti os meus lábios abertos num sorriso para o teto branco agradada com a memória tão recente. Era assim, o meu romance chamava-se “A vida de Zé Inácio em tempo de confinamento”. E nele narrada a vida do meu singular vizinho da frente, tudo o que ele via e relatava a partir daquela sua abertura para o mundo em período de clausura, os demais rostos, as demais falas que tudo se ouvia nesta nesga de uma Lisboa obrigada a estranhos silêncios. Até de mim havia registo, “... a mulher defronte, a mulher de cabelos brancos... todos os dias abrimos a janela ao mesmo tempo ...”

Sei agora, o nome do rosto sem cabelo é Paulo, mas... Zé Inácio ficou!



FEVEREIRO

2022



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Días!

NOVA ATENA – UNIVERSIDADE SÉNIOR DE LINDA-A-VELHA

www.novaatena.pt

COORDENAÇÃO Midá Sá-Chaves

DESIGN GRÁFICO Carlos Lopes